



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS CAXIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

FERNANDO JOSÉ SANTOS ARAÚJO

**HISTORIOGRAFIA DA LITERATURA MARANHENSE: O QUE OS MANUAIS
*HISTÓRIA CONCISA DA LITERATURA BRASILEIRA E A LITERATURA
BRASILEIRA: ORIGENS E UNIDADE NÃO CONTAM***

CAXIAS-MA

2024

FERNANDO JOSÉ SANTOS ARAÚJO

HISTORIOGRAFIA DA LITERATURA MARANHENSE: O QUE OS MANUAIS

HISTÓRIA CONCISA DA LITERATURA BRASILEIRA E A LITERATURA

BRASILEIRA ORIGENS: E UNIDADE NÃO CONTAM

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras
Licenciatura em Língua Portuguesa,
Língua Inglesa e Literaturas da
Universidade Estadual do Maranhão para
o grau de licenciatura em Letras

Orientador: Prof. Dr. Emanuel Cesar Pires
de Assis.

CAXIAS-MA

2024

A663h Araújo, Fernando José Santos

Historiografia da literatura maranhense: o que os manuais história concisa da literatura brasileira e a literatura brasileira origens: e unidade não contam / Fernando José Santos Araújo. __Caxias: Campus Caxias, 2024.

52f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Emanuel Cesar Pires de Assis.

Título. 1. Historiografia. 2. Literatura maranhense. 3. Cânone. I.

CDU 82-94

FERNANDO JOSÉ SANTOS ARAÚJO

**HISTORIOGRAFIA DA LITERATURA MARANHENSE: O QUE OS MANUAIS
HISTÓRIA CONCISA DA LITERATURA BRASILEIRA E A LITERATURA
BRASILEIRA: ORIGENS E UNIDADE NÃO CONTAM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras
Licenciatura em Língua Portuguesa,
Língua Inglesa e Literaturas da
Universidade Estadual do Maranhão para
o grau de licenciatura em Letras

Aprovado em 19 / 08 / 2024

BANCA EXAMINADORA



Emanuel Cesar Pires de Assis

Doutor em Literatura

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC



Elizeu Arruda de Sousa

Doutor em História

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos



Natércia Moares Garrido

Doutora em Literatura

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC

Dedico ao meu Deus, aos orixás,
à minha família e amigos.
Muito obrigado por
Todo o amor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu agradeço a Deus, pela vida, pela saúde minha e de minha família e por permitir que eles vivam a realização desse sonho comigo. O agradeço por ter permitido que eu chegasse até aqui. Obrigado, Senhor. Tu sabes o quanto eu sonhei com esse dia, o quanto eu lutei e chorei com medo de não conseguir. Tenho que agradecer à minha família por todo o suporte emocional, obrigado por terem me apoiado nos momentos de tristeza. Agradeço ao meu maravilhoso namorado por todo amor e paciência, obrigado por ter lutado as minhas batalhas comigo. Preciso agradecer ao meu professor orientador, Emanuel Cesar Pires de Assis, obrigado por todo ensinamento. Não existem palavras capazes de expressar o meu amor e gratidão por todos vocês.

“As armas dos fracos são sempre fracas armas”, mas é com elas que teremos que lutar” (Lucien Bianco).

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo mostrar a importância da literatura e de autores maranhenses para a construção da literatura brasileira, com foco na identificação das razões subjacentes à presença e à ausência de determinados autores maranhenses nos manuais de historiografia literária brasileira. Esta pesquisa dará ênfase em fatores históricos e culturais que levaram alguns autores a serem considerados importantes para estarem presentes nos manuais de historiografia literária brasileira e acabaram por deixar outros autores maranhenses de fora, além de fazer um breve percurso histórico da literatura brasileira e mostrar o caminho que a literatura maranhense percorreu para que os autores dessa região pudessem fazer parte da literatura nacional. Conhecer e reconhecer os autores maranhenses é algo indispensável para a compreensão cultural, além de repensar na importância que outros gêneros literários possuem para a história da literatura. Estudar a literatura maranhense com base em autores já consagrados pelo cânone e outros que foram deixados de fora, mas que são importantes para construção do caráter da literatura nacional é algo necessário para que exista um resgate da história cultural da literatura maranhense. Esta pesquisa tem como objeto de análise os manuais *História Concisa da Literatura Brasileira (2006)*, de Alfredo Bosi e *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1999)* volume 1, de José Aderaldo Castelo e como base teórica Candido (2006), Castillo (2017), Abreu (2006), entre outros sob o olhar da historiografia literária maranhense, buscando delimitar-se na concentração da identificação das razões subjacentes à presença e à ausência de determinados autores maranhenses nesses manuais que são referências da historiografia literária brasileira. Como objetivo específico esta pesquisa busca identificar autores e obras significativas da literatura maranhense que não foram abordados ou foram subrepresentados nos manuais de historiografia literária, além de analisar as razões que levaram as omissões de autores maranhenses nos manuais de historiografia literária selecionados. Os resultados desta pesquisa mostram que fatores históricos, sociais e culturais podem influenciar as escolhas de autores que aparecem nos manuais de historiografia literária, mostrando que autores de regiões como o Sudeste possuem mais privilégios em comparação a autores de regiões consideradas periféricas, como o Maranhão. Autores como Gonçalves Dias ganham mais reconhecimento, enquanto autores como Artur Azevedo acabam sendo excluídos dos manuais de historiografia literária. As razões para essas omissões incluem uma perspectiva regional e a perpetuação do cânone literário brasileiro que é estabelecido por critérios tradicionais.

Palavras-chave: Historiografia. Literatura maranhense. Cânone.

ABSTRACT

The present work aims to show the importance of Maranhão literature and authors in the construction of Brazilian literature, focusing on identifying the underlying reasons for the presence and absence of certain Maranhão authors in Brazilian literary historiography manuals. This research will emphasize the historical and cultural factors that led some authors to be considered significant enough to be included in these manuals, while others were left out. Additionally, it will provide a brief historical overview of Brazilian literature and trace the path that Maranhão literature followed to become part of the national literary scene. Recognizing and acknowledging Maranhão authors is essential for cultural understanding and for reconsidering the importance of various literary genres in literary history. Studying Maranhão literature based on already canonized authors and others who have been excluded but are still important for the construction of national literary character is necessary to recover the cultural history of Maranhão literature. This research focuses on the manuals "História Concisa da Literatura Brasileira" (2006) by Alfredo Bosi and "A Literatura Brasileira: Origens e Unidade" (1999), volume 1 by José Aderaldo Castelo, using theoretical bases from Candido (2006), Castillo (2017), Abreu (2006), among others, through the lens of Maranhão literary historiography. It aims to identify the reasons for the presence and absence of certain Maranhão authors in these reference manuals of Brazilian literary historiography. Specifically, this research seeks to identify significant Maranhão authors and works that have been overlooked or underrepresented in these historiography manuals and analyze the reasons behind the omission of Maranhão authors in the selected literary historiography manuals. The results of this research show that historical, social, and cultural factors can influence the choices of authors that appear in literary historiography manuals, revealing that authors from regions like the Southeast have more privileges compared to authors from peripheral regions such as Maranhão. Authors like Gonçalves Dias gain more recognition, while authors like Artur Azevedo end up being excluded from the literary historiography manuals. The reasons for these omissions include a regional perspective and the perpetuation of the Brazilian literary canon, which is established by traditional criteria.

Keywords: Historiography. Maranhão literature. Canon.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 TECENDO NARRATIVAS: UM OLHAR CONCISO SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL DA LITERATURA.....	15
2.1 O percurso da literatura brasileira	16
3 A HISTORIOGRAFIA MARANHENSE DE FORMA CONCISA	24
3.1 Entre ausências e silêncios: a exclusão de autores maranhense nos manuais de historiografia.....	26
4 REFLEXÕES SOBRE O CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO: A NECESSIDADE DE INCLUSÃO E DIVERSIDADE NO CÂNONE LITERÁRIO.....	37
4.1 Desafios na da literatura maranhense no cânone literário brasileiro	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

A historiografia literária é um campo de estudo fundamental para a compreensão das letras, mas não fica resumida apenas a isso, podendo também trazer um entendimento sobre as dinâmicas culturais e sociais às quais a literatura de uma região ou de um país está inserida, uma vez que o estudo da história está intrínseco aos impactos sociais que exercem influência sob o desenvolvimento literário. No contexto brasileiro, as produções literárias regionais contribuem para a diversidade e a riqueza da complexidade, trazendo relevância para as narrativas do cenário literário nacional.

São Luís foi colocada no centro das produções históricas maranhenses em razão do processo de construção das identidades do século XIX. Deste modo, o Maranhão destacou-se por sua contribuição no panorama literário brasileiro, promovendo o debate sobre a importância de examinar e valorizar, desde os seus primórdios até os tempos contemporâneos, a forma de se compreender a literatura brasileira e o nascimento de diversas produções literárias importantes para a construção da identidade nacional.

A análise da historiografia literária maranhense destaca-se como uma ferramenta indispensável para o resgate dos valores históricos e literários que fazem parte da narrativa maranhense. Ao adentrar esse campo de estudo, o pesquisador não apenas revisita as obras e os autores que contribuíram com a construção da identidade literária maranhense, mas coloca em questionamento as razões que levam as ausências e lacunas que se perpetuam ao longo do tempo. Esse processo de investigação vai permitir a redescoberta de autores que foram marginalizados. Mergulhar nesse universo é se deparar com tesouros de expressões literárias consideradas um testemunho da herança cultural de um povo, além de oferecer novas perspectivas sobre a formação da identidade literária regional.

A literatura brasileira existe há muito tempo, tendo sido mais definida enquanto literatura autônoma, que reflete sobre os próprios aspectos nacionais, a partir do Romantismo, período em que emergem produções com características nacionais distintas, além de conduzir uma jornada pelos mais diversos pensamentos e realidades da compreensão de um mundo que caminha pelos trilhos da literatura nacional, de modo que ficasse evidente que as produções literárias nacionais

possuíam influência sobre as literaturas regionais.

Quando se fala sobre a construção da literatura brasileira, grandes nomes do cenário literário como Machado de Assis, Gonçalves Dias, Aluísio Azevedo, Sousândrade, entre outros escritores, buscaram por maneiras de destacar, através de suas obras, características nacionalistas que evidenciassem a história da construção da identidade de suas terras. As suas narrativas capturam nuances da sociedade brasileira, refletindo os seus contextos sociais, políticos e econômicos. Esses escritores não apenas buscaram abordar temas nacionalistas, mas também se dedicaram em construir uma identidade literária brasileira que exaltasse os valores de sua terra de origem.

Este trabalho tem como objetivo central analisar os manuais *História Concisa da Literatura Brasileira*¹ e *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade*² sob o olhar da historiografia literária maranhense, buscando delimitar-se na concentração da identificação das razões subjacentes à presença e à ausência de determinados autores maranhenses nessas obras que são referências da historiografia literária brasileira. Como objetivos específicos, esta pesquisa busca identificar autores e obras significativas da literatura maranhense que não foram abordados ou foram subrepresentados nos manuais de historiografia literária, bem como destacar os aspectos da produção literária que mostram a razão de alguns autores maranhenses aparecerem nos manuais destacados e analisar as razões que levaram às omissões de autores maranhenses nos manuais de historiografia literária selecionados.

Dentro do processo de análise dos manuais citados acima e levando em consideração o principal objetivo deste trabalho, temos os seguintes questionamentos: como identificar autores e obras da literatura maranhense que não foram abordados ou foram subrepresentados nos manuais de historiografia literária? Quais as razões que levam alguns autores maranhenses a serem destacados nos manuais utilizados? Qual o critério de exclusão de alguns autores nos manuais de historiografia que estão sendo utilizados como objeto de estudo deste trabalho?

1 História Concisa da Literatura Brasileira é um manual histórico de literatura brasileira escrito por Alfredo Bosi. A sua primeira edição foi lançada em 1970 e, até 2017, alcançou a 52ª edição, publicada pela Editora Cultrix. A obra apresenta autores, textos e informações que oferecem ao leitor uma compreensão resumida das correntes literárias brasileiras.

² Esta obra destaca a seriedade, o conhecimento e um estilo de linguagem acessível e agradável. Diferente de uma obra tradicional, é um ensaio incisivo sobre a criação da literatura brasileira desde suas origens até os anos sessenta do século XX. É uma leitura indispensável para aqueles que buscam aprender sobre a história da literatura brasileira e sobre as suas críticas literárias.

A literatura maranhense possui uma rica tradição que remonta ao século XIX, com nomes de destaque como Gonçalves Dias e Aluísio Azevedo, cujas contribuições são amplamente reconhecidas e celebradas no cenário literário nacional. Esses autores não apenas deram visibilidade às questões sociais e culturais de sua época, mas foram grandes responsáveis na construção de uma literatura maranhense autônoma, levando o Maranhão a ganhar destaque na literatura nacional. Contudo, a análise dos manuais selecionados revela que muitos autores maranhenses significativos não são mencionados ou são subrepresentados, o que mostra uma lacuna preocupante para o reconhecimento e a valorização da produção literária do Maranhão.

Diante disso, o estudo busca entender os critérios que determinam a inclusão ou exclusão desses autores, bem como destacar a importância de uma representação mais equilibrada e abrangente da produção literária maranhense. Para atingir o objetivo geral, o trabalho foi dividido em capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Tecendo narrativas: um olhar conciso sobre a diversidade cultural da literatura* é feita uma análise concisa a respeito da diversidade cultural presente no mundo literário, além de abordar o percurso e as dificuldades que a literatura brasileira enfrentou ao buscar a sua independência em relação à literatura europeia.

No segundo capítulo, *A Historiografia literária Maranhense de forma concisa*, são abordados assuntos sobre os caminhos tomados pelos autores maranhenses para que fosse possível tornar a literatura maranhense significativamente importante, além de trazer uma discussão acerca da exclusão de autores maranhenses nos manuais de historiografia literária. O terceiro capítulo intitulado *Reflexões sobre o cânone literário brasileiro: a necessidade de inclusão e diversidade no cânone literário* debate sobre a construção do cânone literário brasileiro, quais os critérios para que uma obra seja considerada canônica, quais os autores presentes no cânone. Essa identificação é crucial para mapear as lacunas existentes e compreender a extensão da exclusão, pois a literatura maranhense possui uma diversidade de vozes e estilos que contribuem para o panorama literário nacional e a ausência desses autores representa uma perda significativa de perspectivas e influências culturais.

Este trabalho possui como objeto de análise os manuais *História Concisa da Literatura Brasileira* (2006), de Alfredo Bosi e *A Literatura Brasileira: Origens e*

Unidade (1999) volume 1, de José Aderaldo Castelo. Esses manuais são reconhecidos por sua importância e grande influência na formação dos registros que são fundamentais para o estudo da história da literatura brasileira. Porém, a pesquisa não se limita a uma análise superficial desses materiais. Para uma melhor compreensão sobre a discussão da perspectiva crítica de forma mais clara e coesa são utilizados outros autores como base teórica, são eles Candido (2006), Castillo (2017), Abreu (2006) entre outros autores que são de grande importância para o desenvolvimento desta pesquisa.

2 TECENDO NARRATIVAS: UM OLHAR CONCISO SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL DA LITERATURA

A literatura é uma das maiores contribuintes para a transmissão cultural de uma sociedade. Cada nação possui sua literatura, de modo que isso reflete em sua civilização; no entanto, é possível que as culturas de diferentes povos possam se relacionar resultando em uma miscelânea sociocultural. Alfredo Bosi³ diz que: “Os primeiros escritos da nossa vida documentam precisamente instauração do processo [...] a inteligência brasileira, reagindo contra certos processos agudos de europeização, procurou nas raízes da terra e do nativo imagens para se afirmar em face do estrangeiro [...]” (Bosi, 2006, p. 13).

A terra que recebe a todos, com seus costumes e tradições, é capaz de assimilar as influências dos que chegam, sem perder a essência de sua própria identidade. As diversas literaturas podem combinar-se, ainda que cada uma preserve suas raízes. A Grécia, por exemplo, possuía uma literatura que refletia em suas crenças, sua moral e também a sua visão de mundo. Na Europa moderna, pode ser observado, em países como França, Espanha, Itália, Inglaterra e Portugal, o desenvolvimento de literaturas que, embora possam ter resquícios de outras culturas, mantêm sua base original, de modo que sejam distinguidas.

Já o Brasil teve uma formação cultural distinta dos países da América do Norte. É preciso ser levado em consideração que a textura sociocultural da realidade brasileira é complexa e multifacetada, influenciando as organizações e a forma como são geridas (Caldas e Wood Jr., 1999). Os modelos de outros países nem sempre apresentam a mesma eficácia quando aplicados à realidade brasileira.

Hyalley Jayne Silva, em seu trabalho de conclusão de curso *Problematização do cânone literário: perspectiva anti-patriarcal e discussão sobre o apagamento da literatura de autoria feminina no currículo escolar (2023, p. 45)*, traz algumas questões relacionadas à importância de compreender a respeito da diversidade literária, de modo que sejam levantadas pautas sobre a literatura produzida pela população dita como minorias; “[...] a importância de aprofundar os estudos e discussões sobre o tema, visando promover uma maior representatividade e

³ Alfredo Bosi foi um crítico, historiador e professor de literatura brasileira. Publicou mais de vinte livros, além de estar presente em capítulos de obras. Foi professor emérito da Universidade de São Paulo, membro da Academia Brasileira de Letras de 2003 a 2021 e membro do Conselho Editorial da Edusp (1985-1987).

valorização das obras literárias [...]”.

É necessário ter cuidado ao abordar temas que falem sobre a diversidade literária, uma vez é possível perceber grandes desafios, por isso este tema é, muitas vezes, tido como complexo e polêmico, especialmente quando relacionado com a literatura brasileira. Para entendê-lo, se faz necessário utilizar uma abordagem multidimensional que possa compreender a pluralidade que faz parte da origem desse fenômeno; portanto, promover a diversidade literária não é apenas fazer uso de conceitos já pré-estabelecidos de outras vivências, mas implica em perceber a reflexão crítica sobre o conceito e buscar meios de adaptá-lo às peculiaridades de cada contexto social.

Analisar, de forma cuidadosa, as características culturais, sociais e econômicas de cada contexto vai permitir uma implementação mais eficaz e relevante das práticas de diversidade literárias. Dessa maneira, a diversidade não será apenas um ideal importado, mas um conceito profundamente enraizado nas realidades locais, contribuindo para uma sociedade mais igualitária em relação às literaturas que não fazem parte do cânone. O caráter multifacetado do assunto vai além da necessidade de se praticar um “antropofagismo”, o que equivale dizer a uma “adaptação criativa” (Caldas e Wood Jr., 1999). Na verdade, é necessário compreender como a literatura dominante exerce as suas práticas sobre as demais literaturas.

2.1 O percurso da literatura brasileira

Conhecida como o estudo e a análise dos métodos, das fontes e das interpretações que desempenham um papel essencial na escrita da história da literatura, a historiografia literária, ou seja, o estudo da literatura sob uma perspectiva histórica, analisa, através da literatura, manter viva as histórias de muitos povos, preservando os eventos mais marcantes de suas sociedades e os transmitindo de geração em geração. O poder da literatura perpetua os costumes e as crenças, funcionando não somente como um registro histórico, mas como um veículo de identidade cultural.

Com uma abordagem multidimensional, o universo literário demonstra que a literatura é uma área do conhecimento relativa, pois não é possível ter uma única

verdade absoluta sobre sua origem. A historiografia literária não documenta somente o passado, mas oferece uma visão crítica das transformações culturais ao longo do tempo, destacando a importância da literatura na construção e na preservação da memória coletiva.

Ao estudar sobre a historiografia literária, torna-se cada vez mais claro o ponto de vista dos pesquisadores de que é impossível para um único estudioso descrever toda a história da literatura. Isso se deve ao fato de que a literatura é múltipla e plural, englobando a investigação de numerosas obras literárias, seus contextos culturais e a evolução das correntes críticas ao longo do tempo. Esta complexidade evidencia que a literatura não pode ser plenamente interpretada por uma única pessoa.

Ao longo dos séculos, a literatura tem sido um reflexo direto da sociedade e do período histórico em que foi produzida, capturando as nuances e transformações culturais de cada era. Esse reflexo multifacetado exige uma abordagem igualmente diversificada e colaborativa para sua compreensão. Cada estudioso aporta suas perspectivas e interpretações, contribuindo para uma visão mais rica e completa da literatura.

A pluralidade de vozes na historiografia literária não só enriquece o entendimento das obras e seus contextos, mas também permite que diferentes aspectos da experiência humana sejam explorados e valorizados. Assim, a historiografia literária se configura como um campo dinâmico e inclusivo em que a multiplicidade de interpretações e análises contribui para uma apreciação mais profunda e abrangente da literatura como um todo.

No século XVI, no início da literatura brasileira, a relação estreita entre literatura e história é claramente evidenciada pelos primeiros relatos da colonização do Brasil. Um exemplo emblemático é a carta de Pero Vaz de Caminha⁴, um fidalgo português que se notabilizou nas funções de escrivão da armada de Pedro Alvarez Cabral, que não apenas documenta os eventos históricos do descobrimento, mas também reflete os conceitos e valores da época.

É dada uma visão rica em detalhes capturando a surpresa, a curiosidade e as expectativas do encontro dos portugueses com os povos indígenas através da carta de Caminha. Os eventos realizados foram registrados por meio desse documento

4 Pero Vaz de Caminha, por vezes chamado Pedro Vaz de Caminha, foi também vereador na cidade portuguesa do Porto. Texto retirado: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pero_Vaz_de_Caminha

produzido por Caminha que mostrou valiosas inspirações advindas da mente dos europeus que viveram no período de 1500 e revelaram as percepções que os colonizadores tinham sobre a ideia de Novo Mundo. É possível perceber isso no trecho que diz: “A feição deles é serem pardos maneiras d’avermelhados de bons rostos e bons narizes feitos. Andam nus sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa para cobrir nem mostrar suas vergonhas e estão acerca disso com tanta inocência como têm de mostra o rosto” (Bosi, 2006, p. 14).

A carta de Caminha pode ser vista como um documento de cunho literário e histórico, pois, para alguns estudiosos, representa as primeiras letras do Brasil que, através do ponto de vista dos colonizadores, iam sendo compartilhados, de forma autêntica e preservada, os fatos históricos sobre os indígenas e as terras por eles habitadas. A carta ajudou a compreender de forma mais clara o contexto sociocultural vivido pela população do século XVI, além de explanar as motivações econômicas e religiosas que ajudaram a colocar a expansão da marinha portuguesa em uma fase de bonança.

É através da carta de Caminha que se pode compreender melhor as motivações econômicas e religiosas que impulsionaram a expansão marítima portuguesa. A carta de Caminha, portanto, serve como um documento literário e histórico, preservando uma visão autêntica do início da colonização. Este registro inicial da literatura brasileira destaca como a escrita pode funcionar simultaneamente como um testemunho histórico e uma reflexão cultural, proporcionando uma base para a compreensão das dinâmicas complexas entre os colonizadores e o ambiente que encontraram.

Roberto Carlos Ribeiro, em seu artigo *Literatura de viagem e historiografia literária brasileira (2007)*, diz que o relato de viagem acerca da historiografia literária brasileira levanta questionamentos sobre a finalidade do documento considerado as primeiras letras do Brasil, poderia esse documento ser visto como o início da formação da literatura brasileira ou seria apenas um documento informativo descritivo sobre as paisagens encontradas durante a exploração da nova terra? Ribeiro ainda diz que Alfredo Bosi possuía um interesse ideológico acerca dos primeiros relatos descritivos dos habitantes do Brasil por parte dos europeus.

Na obra *História Concisa da Literatura Brasileira*, Alfredo Bosi diz que a carta de Caminha não pode ser considerada um documento literário por conter apenas

informações que os viajantes e os missionários escreveram sobre as suas experiências ao se depararem com o homem brasileiro e suas terras, “[...] enquanto informação, não pertencem à categoria do literário, mas à pura crônica histórica [...] (Bosi, 2006, p. 13)”.

Bosi diz que a carta de Pero Vaz de Caminha é um registro histórico, uma janela para o passado que oferece formas de compreensão sobre os costumes e valores daqueles que nos antecederam, um testemunho dos tempos idos e das influências que moldaram toda a sociedade brasileira e sua literatura, que não deve, segundo Bosi, ser formulada com relação à Europa, é dito que: “O problema das origens da nossa literatura não pode formular-se em termos de Europa, onde foi a maturação das grandes nações modernas que condicionou toda a história cultural, mas nos mesmos termos das outras literaturas americanas, isto é, a partir da afirmação de um complexo colonial de vida e pensamento” (Bosi, 2006, p. 11).

O autor ainda diz que a literatura brasileira pode se relacionar com outros tipos de literatura, por exemplo, as literaturas americanas, mas especificamente as de língua espanhola e inglesa, pois ambas possuem um fator em comum que é fundamental para o estabelecimento dessa relação: a marca da colonização e para que o processo cultural não seja prejudicado é necessário não desconhecer ou até mesmo ocultar essas primeiras etapas de construção da historiografia literária brasileira. José Aderaldo Castello (1999) diz em sua historiografia literária brasileira algo semelhante a Alfredo Bosi; para ele, não se pode desvincular a formação da literatura brasileira das características europeias e americanas, a respeito disso é dito que: “[...] no estudo da formação da literatura Brasileira, não se pode fugir ao reconhecimento simultâneo dos legados europeus e americanos. O primeiro se achava há muito definido quando nos foi transmitido durante a nossa formação, a contar do descobrimento do Brasil” [...] (Castello, 1999, p. 18).

Os costumes europeus sempre estiveram presentes, desde o período colonial, compartilhando os modos de vida, conceitos e até seus padrões literários. Contudo, ao operar em novas circunstâncias ou sob um contexto diferente é iniciado um processo de interação com a paisagem e a cultura local transformando e reativando as raízes americanas. Ao falar sobre os campos em que a literatura brasileira se faz presente, é possível destacar o institucional no qual a literatura brasileira e a literatura portuguesa alcançaram um status alto entre as disciplinas

essenciais. Do ponto de vista das publicações, é notório o surgimento de numerosos e importantes ensaios que vão buscar por formas de estudar a respeito da historiografia literária brasileira.

Refletir sobre o estudo da literatura brasileira através das escolas literárias revela a natureza arbitrária, muitas obras literárias conseguem transcender as classificações estritas, de modo que podem expressar características tanto do Romantismo quanto do Modernismo. Tal flexibilidade indica que as fronteiras entre as escolas literárias são porosas, além da literatura brasileira ser rica em obras que desafiam a categorização simplista.

Em meio a todo esse processo de estudo, as escolas literárias podem ser entendidas como manifestações artísticas e literárias de uma determinada época que foi profundamente influenciada pelo contexto histórico em que surgiram. Conhecer e estudar os diferentes períodos literários é essencial para compreender a formação da sociedade e os ideais que a moldaram, pois as escolas literárias vão demonstrar como a sociedade e sua cultura foram evoluindo ao longo dos séculos, que vão desde o período da colonização até os dias atuais.

A começar pelo Quinhentismo (1500-1601), que é o período em que vai corresponder à fase de início da literatura brasileira. É um momento conhecido pela chegada dos portugueses em terras novas, é dito que a produção literária dessa época é marcada majoritariamente por documentos descritivos que vão dar destaque às cartas e aos relatos dos viajantes. Um exemplo de documento deste período é a carta de Pero Vaz de Caminha. A literatura dessa época era extremamente influenciada pela cultura que vinha da Europa. Castro (1996, p. 58) diz que os índios foram caracterizados como criaturas inocentes, que andavam nus, tinham os lábios furados e não tinham vergonha de sua nudez.

O período Barroco surgiu (1601-1768) é marcado por expressões religiosas, pela complexidade do formalismo e a dualidade entre o sagrado e o homem. Este período deixou sua marca na literatura brasileira através de obras do grande autor Gregório de Matos ou Boca do Inferno, como era conhecido. Esse autor buscava explorar as angústias do homem através do olhar da religiosidade exacerbada da época e suas contradições.

Durante o período Barroco, que coincidiu com a época da colonização no Brasil, os autores direcionaram suas obras para um público menor devido ao

contexto histórico e cultural da época. Este período foi fortemente influenciado pela igreja em decorrência das diversas viagens realizadas entre Brasil e Portugal, tanto que os escritores produziam obras que pudessem transitar entre esses países. Sobre isso Chuva (2003) diz:

[...] Dentre essas concepções, a questão do pertencimento à civilização ocidental foi talvez a mais significativa na configuração que tomou o processo de invenção de um “patrimônio nacional” no Brasil. Os cânones da arte brasileira e sua universalidade foram construídos de modo eficaz, com a consagração de uma associação inédita até então entre as formas e princípios renovadores do barroco e a produção arquitetônica moderna. Isso se deu, privilegiadamente, no âmbito da ação de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional (Chuva, 2003, p. 313).

O Arcadismo (1768–1836), também conhecido como Neoclassicismo, surgiu em meados do século XVIII, um período marcado pela busca da simplicidade, da natureza idealizada e pela valorização da razão. Os poetas Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, conhecidos como os árcades brasileiros, eram inspirados pelos ideais do Iluminismo europeu que, por meio de suas obras, buscavam celebrar o amor idealizado e a natureza rústica de forma que a complexidade do barroco fosse quebrada. Este período é também conhecido por ser o momento em que as obras escritas pelos literatos brasileiros começaram a ganhar características próprias em razão do período sociopolítico da época, já que Portugal ainda possuía grande influência literária sob o Brasil.

A independência literária brasileira foi um dos grandes acontecimentos para o povo brasileiro por trazer uma nova forma de enxergar a própria cultura. Em 1822, a sociedade brasileira buscou construir a sua própria identidade. Para Alves (2011, p. 90) “[...] os criadores passam a se reconhecer como artistas nacionais”. E no início do século XIX surge o Romantismo (1836-1881), um dos principais períodos expressivos da literatura. O movimento romântico no Brasil introduziu abordagens literárias revolucionárias, como a valorização da natureza pessoal, emocional e selvagem. Por outro lado, também reconheceu a importância das obras anteriores na formação da tradição literária nacional. Essa dualidade manifestou-se na procura por uma expressão literária brasileira autêntica ao mesmo tempo em que buscou integrar e valorizar os elementos culturais e históricos que já existem.

Este período não apenas rompeu com as convenções estabelecidas, mas

também procurou estabelecer a continuidade com a história literária brasileira, ajudando a solidificar a identidade literária nacional. Esse movimento surgiu em resposta aos valores racionalistas do Iluminismo que privilegiava a razão e a objetividade, em detrimento das emoções e da subjetividade humana. No contexto brasileiro, essa valorização das emoções, do individualismo e da subjetividade contribuiu para o desenvolvimento de uma literatura que buscava expressar as particularidades culturais e sociais do Brasil.

A Historiografia Literária Brasileira, de Elizabeth Fiori (2008), escreve sobre o período da historiografia romântica, como movimento oficial da literatura brasileira. As grandes produções historiográficas eram fortemente conectadas aos cânones portugueses de maneira que fosse possível perceber a manifestação por parte de sua influência através de aspectos como a estrutura narrativa, os temas abordados e a relação colonial entre Brasil e Portugal. Por outro lado, ao mesmo tempo que essa influência era evidente, era observado de forma gradual o fortalecimento do caráter nacional nas obras literárias. É dito que: “[...] A vontade de uma literatura ou mesmo de uma cultura independente motivou diversos intelectuais brasileiros e até mesmo estrangeiros ao exame e sistematização da literatura brasileira, demonstrando-lhe o perfil nacional ou negando-lhe” [...] (Fiori, 2008, p. 30).

A nacionalização da literatura brasileira ganhou impulso significativo com o movimento do Romantismo, que se caracterizava por um forte sentimento nacionalista e pela busca de expressar a identidade e os valores do povo brasileiro. O contexto social e político da época, somado ao Romantismo, deixava cada vez mais evidente o anseio pela independência e autonomia da literatura nacional o que a fez ganhar um maior destaque no cenário literário.

Escritores românticos exploravam em suas obras temas relacionados à natureza exuberante do Brasil, os costumes e as tradições regionais, além de valorizarem as figuras históricas e mitológicas brasileiras. Deste modo, o Romantismo não somente representou um marco histórico da literatura, mas contribuiu de forma significativa para a afirmação da identidade nacional e o fortalecimento do pertencimento à pátria.

As produções literárias possuíam características românticas vindas da necessidade de validação da identidade nacional por parte de muitos escritores que sentiram a necessidade de destacar os aspectos nacionais e regionais presentes no

Brasil, pois para que a literatura brasileira pudesse ser compreendida se fazia indispensável estudar a sua sociedade. Ao analisarmos uma obra literária podemos ter em mãos as características e desenvolvimento de uma sociedade, a literatura, por meio das narrativas estabelecidas em obras literárias, pode nos conceder informações historiográficas importantes não só de uma escola literária, mas também da sociedade em si.

O panorama da literatura brasileira teve contribuições de grandes nomes da literatura maranhense que não foram apenas destaque nacional, mas internacional e fizeram parte da construção da produção literária brasileira com a finalidade de formar nosso cânone literário⁵. Explorar a literatura de um povo não apenas permite uma compreensão mais profunda da história e da cultura de uma parte da nação, mas também revela as suas nuances e características distintas, além de abordar a respeito da literatura brasileira.

Deste modo, é inevitável não mencionar grandes nomes maranhenses que possuem destaques nos cenários literários, ainda que existam razões subjacentes à ausência de determinados autores maranhenses nos manuais de historiografia literária brasileira e tendo em vista o escasso número desses autores nos manuais de historiografia literária, o Maranhão teve importante participação no panorama da literatura brasileira, ganhando destaque nacional e internacional.

⁵ O cânone literário refere-se a um conjunto de obras que são amplamente reconhecidas como as mais importantes, influentes ou representativas dentro de um determinado campo ou cultura. No próximo capítulo, será abordado especificamente sobre o cânone literário brasileiro.

3 A HISTORIOGRAFIA MARANHENSE DE FORMA CONCISA

Desenvolver um estudo sobre a literatura maranhense e não conhecer a sua historiografia é, no mínimo, fazer um trabalho fora de sua essência. Ao discutir acerca da literatura maranhense, é importante falar sobre o processo de construção de sua identidade, pois a preservação dos valores históricos e literários maranhenses acontece através de uma ferramenta de extrema importância, a historiografia literária. Ainda que tenha sido considerada sem autonomia, tal qual aconteceu com a literatura brasileira, a literatura maranhense, ao buscar sua validação e reconhecimento, percorreu um caminho cheio de obstáculos, talvez por isso muitos autores maranhenses acabem ficando de fora dos manuais de historiografia literária. O Maranhão foi berço de grandes autores como Graça Aranha, Coelho Neto, Antônio Lobo e muitos outros escritores que ajudaram na construção da identidade própria da literatura maranhense.

A arte e a literatura de um lugar são essenciais para a construção histórica deste e, no Maranhão, há uma incidência de grandes autores que contribuíram para a história literária do estado (Leão, 2011), de modo que a sua influência cultural transpassasse os limites locais, alcançando reconhecimento dentro e fora do território nacional e também do cânone brasileiro. A respeito disso:

[...] O Maranhão figura também, com destaque, em nível nacional e mesmo internacional, no romance, tendo como expressões máximas do gênero romancistas como Aluísio Azevedo, Graça Aranha, Josué Montello... sem deixar de dar destaque a outros nomes mais recentes, de peso, na referida categoria, como Arlete Nogueira da Cruz e Ronaldo Costa Fernandes. Diga-se de passagem, que Aluísio Azevedo pode ser considerado o primeiro romancista brasileiro, cuja obra apresenta personagens com características próprias da nossa nacionalidade, principalmente em *O Cortiço* [...] (Corrêa, 2016, p. 21).

Dentre os autores destacados no trecho, Azevedo é um escritor maranhense que possui um enorme prestígio no universo literário nacional e sua obra de maior destaque é *O Cortiço*⁶ (1890), nesta obra são abordados temas socioeconômicos

⁶ Publicado em 1890, esta obra é considerada um romance por seguir uma estrutura narrativa complexa e com personagens e tramas que vão se conectando ao longo do enredo. Apresenta personagens bem desenvolvidos que vão evoluindo ao longo da história. A obra foca nas relações estabelecidas pelos personagens. Este romance é do renomado escritor brasileiro Aluísio Azevedo, sendo publicada pela primeira vez em 1890 e sendo parte do movimento naturalista no Brasil. Com um teor crítico, trata-se de uma exímia representação da realidade brasileira do século XIX.

que marcaram a sociedade brasileira do século XIX: a fome e a miséria vivida por parte da população pobre, são alguns dos exemplos, o autor não apenas abordar a fome e a miséria, mas traz acerca do racismo, das desigualdades sociais e as tensões étnicas e econômicas. Através de uma narrativa rica em detalhes, o autor reconta a realidade da população da época.

Berço de muitos autores consagrados, a capital São Luís é uma cidade histórica que transmite os seus acontecimentos históricos através de suas ruas, praças e outros pontos da cidade que foram preservados, especificidades que se fazem presentes em obras como *Os tambores de São Luís*⁷ (1975), de Josué Montello, a cidade assume o papel de protagonista, com os seus cenários como plano de fundo, as narrativas e os seus monumentos ecoam as vozes do passado.

Após a cidade de Azevedo e de Montello ser escolhida como sede da companhia do Grão-Pará e Maranhão⁸, o estado passou a ter uma economia próspera, o que contribuiu para que São Luís recebesse o título de “Atenas Brasileira”. Segundo Patrícia Raquel Lobato Durans Cardoso, em sua dissertação, *Lobo x Nascimento na “nova Atenas”: literatura, história e polêmicas dos intelectuais maranhenses na Primeira República* (2013), o desenvolvimento econômico estimulou um significativo crescimento literário que foi marcado pelo aparecimento de grandes nomes como Gonçalves Dias, Odorico Mendes, João Francisco Lisboa, Sotero dos Reis, Sousândrade, Henrique Leal e muitos outros intelectuais que formaram o grupo dos Maranhenses.

Partindo disso, faz-se necessário investigar a trajetória histórica maranhense para que seja possível compreender a evolução dos seus elementos literários, bem como analisar quais discursos eram promovidos naquela época para que a produção literária, que emergiu no século XIX, fosse reconhecida, e de que modo isso influenciou na história política dessa região. Para compreender a origem da literatura maranhense, é essencial estudar a sociedade. Antônio Candido, em *Literatura e*

⁷ Os Tambores de São Luís de Josué Montello é um romance épico que traz em sua narrativa o entrelaçamento do texto ficcional com adições de personagens e momentos históricos que ocorreram em São Luís, capital maranhense. Publicado em 1975, resenhou a 4ª edição, publicada em 1981, no Rio de Janeiro pela Livraria José Olympio Editora, no total de 495 páginas. Texto retirado: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_tambor_de_sao_luis

⁸ A Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão ou Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão foi uma empresa privilegiada, de carácter monopolista, criada pelo Marquês de Pombal, na segunda metade do século XVIII, em Portugal.

Sociedade, reflete que é necessário olhar para a sociedade de um povo como uma obra em si, pois isso irá contribuir para o desenvolvimento da estrutura interna da narrativa. Na concepção do estudioso: “Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo” (Candido, 2006, p. 16).

Desse modo, fica evidente a importância de atentar-se ao caráter sociológico que a literatura possui, estando ele presente nas produções literárias que exercem uma influência sobre quem a produz, deixando cada vez mais nítida a relação intrínseca que a identidade, memória e literatura estabelecem. Essa relação faz com que a identidade de um povo seja recorrentemente revisitada e recontada através das páginas dos livros, lugar em que a memória é preservada e transmitida.

3.1 Entre ausências e silêncios: a exclusão de autores maranhense nos manuais de historiografia

Os manuais de historiografia literária são de grande importância para a construção da memória cultural e literária de um país, pois não só registram fatos e obras, mas também interpretam e contextualizam esses elementos historicamente. No entanto, a inclusão ou exclusão de determinados autores e obras nesses manuais pode ser influenciada por vários fatores, como o viés do autor, a pressão do mercado editorial e a tendência de privilegiar certos estilos, gêneros ou regiões. Isso pode levar a uma visão parcial da literatura, excluindo vozes e experiências significativas que não se encaixam nos critérios predominantes.

Reconhecer e criticar essas limitações é crucial para desenvolver uma compreensão mais abrangente e inclusiva da literatura de uma nação. Dessa forma, é possível valorizar a diversidade cultural e literária, garantindo que todas as contribuições tenham seu devido reconhecimento e análise de forma que enriqueçam a nossa compreensão da literatura de um povo, além de promover uma maior inclusão e respeito pelas mais diversas formas de expressão artística e cultural.

Sendo uma das principais obras no cenário acadêmico, por oferecer uma análise crítica sobre a literatura brasileira, *A História Concisa da Literatura Brasileira*, publicada originalmente em 1970, de Alfredo Bosi, oferece uma visão abrangente da literatura nacional, mas a obra não está livre de críticas quanto à sua abordagem um tanto seletiva. Nessa obra, escritores dos grandes centros culturais ganham maior destaque por parte do autor, o que leva a uma exclusão de escritores de outras regiões, como o Maranhão. Desse modo, é perceptível o desequilíbrio regional que pode ser visto na ausência ou menção de forma superficial de autores maranhenses importantes para a construção da literatura brasileira e cujas contribuições são muitas vezes subestimadas ou ignoradas.

A obra não possui introdução, ainda que seja uma parte importante de um livro, pois é na introdução que fica claro o tipo de metodologia que o autor usará para a escolha de instrumentos teóricos e o conceito de literatura que ele fará uso enquanto historiador literário. Sem uma introdução o leitor pode encontrar dificuldades de compreender as bases e as perspectivas que o autor buscou transmitir em sua obra, os capítulos são organizados por períodos literários e por meio das estéticas.

Em *A Literatura Brasileira: Origens e Unidade*, José Aderaldo Castello⁹ também aborda a literatura nacional com um viés similar. Embora a obra pretenda cobrir a totalidade do desenvolvimento literário no Brasil, ela igualmente falha em não dar a devida atenção a autores maranhenses. Castello tende a enfatizar a unidade nacional da literatura, frequentemente sacrificando a diversidade regional que é essencial para uma compreensão do cenário literário brasileiro.

Alfredo Bosi e José Aderaldo Castello, em suas respectivas obras *História Concisa da Literatura Brasileira* e *A Literatura Brasileira: origens e unidade*, fazem uso dos mesmos escritores para complementar os seus manuais historiográficos, com exceção de Sousândrade, Artur Azevedo, Ferreira Gullar e João Francisco Lisboa que aparecem apenas no manual de Bosi; já Graça Aranha e Josué Montello estão presentes no manual de Castello, mas apenas no volume II. Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Gonçalves Dias, Graça Aranha e Raimundo Correa são os escritores maranhenses que estão presentes em ambos manuais de historiografia literária

⁹ José Aderaldo Castello foi um escritor, professor universitário e pesquisador brasileiro, estudioso da literatura brasileira. Estudou a literatura do período colonial, o modernismo e o romance do nordeste, entre outros temas, buscando revelar e preencher lacunas importantes.

brasileira.

Muitos escritores maranhenses foram e são importantes para a construção da identidade da literatura brasileira, mas, infelizmente, alguns acabam ficando de fora dos manuais historiográficos. Marcando presença em vários manuais de historiografia literária por ser considerado um dos mais importantes escritores para o movimento realista do século XIX, Aluísio Azevedo expressou seu talento de diversas formas, como pintura, teatro e poesia, dessa maneira é tido como um artista de múltiplos talentos, não ficando preso apenas à escrita.

Aluísio Azevedo¹⁰ é reconhecido tanto por Bosi quanto por Castello como uma figura importante para a literatura brasileira por conta de suas obras, em especial, *O Mulato* e *O Cortiço*, pois são obras consideradas fundamentais para o Naturalismo no Brasil. Sobre Aluísio, Bosi diz: “[...] Aluísio foi expoente de nossa ficção urbana nos moldes do tempo. O hábil tracejador de caricaturas nas folhas políticas do Rio precedeu o autor do *Mulato* e ensinou-lhe a arte da linha grossa que deforma o corpo e o gesto e perfaz a técnica do tipo, inerente à concepção naturalista do personagem [...]” (Bosi, 2006, p. 200).

Essa experiência inicial na caricatura ensinou-lhe a usar linhas grossas para exagerar e deformar características físicas e gestuais, uma técnica que ele aplicou em seus personagens literários. Este método é uma marca distintiva do naturalismo, movimento literário que se esforça por representar a realidade com todos os seus aspectos grotescos e inusitados. Azevedo, portanto, não apenas refletia a sociedade em suas obras, mas fazia isso de uma maneira que destacava suas deformidades e excessos, revelando as nuances do comportamento humano e social.

Essa abordagem crítica e detalhada de Azevedo contribuiu significativamente para o desenvolvimento do naturalismo na literatura brasileira, oferecendo uma visão incisiva e, muitas vezes, desconfortável da vida urbana e das relações humanas. Já na obra de Castello, Aluísio Azevedo aparece ao lado de outros importantes escritores, sendo colocado em uma posição de grande destaque ao ser inserido no mais alto grau do naturalismo brasileiro, pois é dito que: “[...] em primeiro lugar, pelo menos cinco narradores ficcionais assumem um grande relevo: Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Inglês de Sousa, Manuel de Oliveira Paiva, Raul Pompéia [...]” (Castello, 1999, p. 367).

¹⁰ Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, nasceu em São Luís do Maranhão. Escritor de *O Mulato* (1881), obra que escancara o preconceito racial e contribui para o Naturalismo no Brasil.

Artur Azevedo (1855-1908)¹¹ é um dos grandes contribuintes para a formação da literatura maranhense por sua produção poética, ainda que curta. Azevedo é frequentemente associado ao Realismo, ainda que possua características que transcendam essa classificação. Acaba por ficar de fora de alguns manuais de historiografia literária, como é o caso de *A Literatura Brasileira: origens e unidade*, de José Aderaldo Castello. A sua exclusão de alguns manuais de historiografia pode ser assimilada a diversificados fatores que influenciam na escolha dos escritores nesses manuais, fatores esses como a relevância ou o impacto social, econômico ou político que o escritor poderia ter dentro do contexto histórico, além de preferências estilísticas que os autores dos manuais pretendiam destacar.

Conhecido por sua sagacidade crítica, ele costumava abordar, através do seu humor, temas relacionados à política e à sociedade. Mencionado de forma breve no manual de Bosi, é dito que ele que sabia capturar a leveza e a irreverência da vida urbana, além de criticar, de forma sutil, a seriedade dos círculos literários dominantes. Através de suas obras, ele buscava denunciar o desvio moral do país, deixando evidente em *Ofício em verso*, no qual reclama ao prefeito das condições da rua de sua cidade no Rio de Janeiro, no final do século XIX:

Ó tu
Que és presidente
Do conselho municipal
Se é que tens mulher e filhos,
Manda tapar os buracos da rua dos Junquilhos.
(Bosi, 2006, p. 245).

Outro autor de destaque no cenário literário maranhense da época, Henrique Maximiano Coelho Neto (1865-1934)¹², nasceu na cidade de Caxias no Maranhão. Coelho Neto, nome pelo qual ficou conhecido no meio literário, possui uma grande importância na construção da literatura maranhense, o que acabou por influenciar também na construção da historiografia da literatura brasileira. O literato está presente em alguns manuais de historiografia literária, ainda que seja de forma subjacente, como aparece no manual de José Aderaldo Castello. Para Coelho Neto,

¹¹ Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo, também conhecido como Artur Azevedo, foi um escritor, dramaturgo, poeta, contista e jornalista brasileiro, irmão de Aluísio Azevedo, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

¹² Foi um político, professor, romancista, poeta e crítico. Fez parte da Academia Brasileira de Letras. Foi considerado o "Príncipe dos Prosadores Brasileiros", numa votação realizada em 1928 pela revista *O Malho*. Texto retirado da Wikipedia.

é reservada apenas uma menção ao seu vocabulário, algumas de suas produções literárias e uma foto.

No manual *História Concisa da Literatura Brasileira* (2006), de Alfredo Bosi, o autor é prestigiado com algumas páginas a falar de sua história, mesmo que de forma breve. Bosi comenta que Coelho Neto conheceu o glamour e o ostracismo da vida literária, o que trouxe uma inconstância para sua carreira e afetou a sua popularidade. O seu vocabulário é descrito como uma de suas características mais marcantes e admiradas, as suas obras possuem um caráter regionalista e são consideradas históricas. Sobre ele é dito: “A fortuna crítica de Coelho Neto conheceu os extremos do desprezo e da louvação, desde ‘o sujeito mais nefasto que tem aparecido no nosso meio intelectual’, de Lima Barreto, a ‘o maior romancista brasileiro’, de Otávio de Faria” (Bosi, 2006, p. 210).

Considerado um dos principais escritores da primeira geração do Romantismo, Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) foi um homem de múltiplos talentos, passando pelo teatro, jornalismo, etnografia, advocacia e a poesia. A literatura brasileira do século XIX o considera um dos precursores do movimento romântico, o que o coloca em um lugar de destaque dentro e fora do Brasil. Gonçalves Dias é presença incontestável nos manuais de historiografia literária brasileira por suas obras, que, segundo muitos críticos literários, são exuberantes e atemporais, além de colocarem em evidência o amor pela pátria, as tradições indígenas e a natureza.

Em *A Literatura Brasileira: origens e unidade*, José Aderaldo Castello descreve Gonçalves Dias como um homem que, através dos seus sentimentos e emoções, consegue acessar uma linguagem poética e rica em melodias. Para ele, Gonçalves Dias é:

Definitivamente romântico, ele se coloca ao nível de maior sobriedade. Foi favorecido, mais do que qualquer outro, pelo domínio da língua e da técnica, com o equilíbrio que soube estabelecer no jogo de emoções e ideias disciplinadoras. Todos os temas românticos passaram por ele: o indianismo, o sentimento da natureza associada à ideia ou à presença de Deus; impulsos de solidão e contemplação; saudosismo pátrio; sentimento e ideal amoroso, despojado de sensualidade [...] (Castello, 1999, p. 229).

Dias valorizava as características culturais dos povos indígenas. Além de abordar as suas histórias livres de conceitos pejorativos, buscou descrever em suas

obras o Brasil do século XIX. José Aderaldo Castello reconhece a importância atemporal de Gonçalves Dias para a literatura brasileira, além de destacar a sua contribuição para a formação da identidade nacional e sua influência sobre as gerações posteriores de escritores e poetas. Em *História Concisa da Literatura Brasileira*, Gonçalves Dias ganha diversas menções no decorrer da obra, mas é no capítulo intitulado de *A Poesia* que podemos ter acesso a diversas informações sobre a vida e obra do autor que, segundo Alfredo Bosi: “[...] foi o primeiro poeta autêntico a emergir em nosso Romantismo [...]” (Bosi, 2006, p. 109).

Nascido em Guimarães no Maranhão, Joaquim de Sousa Andrade (1832-1902), um dos primeiros poetas modernistas no Brasil e o primeiro para a literatura maranhense acaba por ficar de fora de muitos manuais de historiografia literária, um exemplo disso é a sua ausência no manual de José Aderaldo Castello, *A Literatura Brasileira: origens e unidade*. Por ser um homem viajado, o seu estilo acaba sendo marcado por variadas influências que divergiam do Maranhão do século XIX, talvez a sua linguagem mais rebuscada possa ter dificultado a compreensão de suas obras por parte da crítica literária maranhense, resultando na sua exclusão de alguns manuais literários.

Em *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi, Sousândrade é apresentado como autor que possuía um espírito cheio de originalidade, livre das amarras que a sociedade exercia sobre a cultura e buscava expressar suas vivências e pensamentos através de suas obras, talvez isso seja um dos fatores que contribuíram para o seu esquecimento por parte da literatura, pois a crítica literária maranhense do século XIX não conseguia compreender a cultura e costumes de outros países. A respeito dele, é dito que: “[...] As viagens pela Europa e a longa permanência nos Estados Unidos abriram a Sousândrade o horizonte do mundo capitalista em plena ascensão industrial [...] O poeta não podia ser assimilado no seu tempo e, de fato, não o foi tendo-se provado otimista a previsão de cinquenta anos em compasso de espera que lhe fizeram na época da redação do Guesa” (Bosi, 2006, p. 132-133).

Seus feitos literários, assim como de outros autores da época, não conseguiram transpor as divisas do Maranhão, talvez por possuir um pensamento muito à frente do seu tempo e ser influenciado por uma cultura diferente do Maranhão daquela época. Os seus escritos não conseguiram atingir a sociedade

naquele momento histórico, social e econômico. A falta de impacto e importância histórica de suas obras na literatura brasileira revela um pouco o que pode ter sido a razão de sua exclusão no manual de José Aderaldo Castello. A respeito disso, o autor diz: “Ouvi dizer já por duas vezes que *Guesa Errante* será lido 50 anos depois; entristeci – decepção de quem escreve cinquenta anos antes (Campos, 2002, apud Oliveira, 2019, p. 135)”.

João Francisco Lisboa (1812-1863) é outro autor maranhense de destaque que acaba ficando de fora de muitos manuais de historiografia literária. O literato, que faz parte da primeira geração do Romantismo no Brasil, ganhou destaque e relevância enquanto jornalista que contribuiu de maneira significativa para imprensa maranhense fundando o *Jornal de Timon*¹³, em que abordava assuntos sobre a política do estado, a sociedade e sua cultura, algo que desagradou grande parte da população.

Na obra *História Concisa da Literatura Brasileira*, é mencionado que Lisboa foi figura importante na construção da historiografia literária maranhense e sua crítica literária. Ainda que possua grande contribuição para a história literária maranhense, não foi poupado de cair no ostracismo por parte da própria sociedade que, com a sua mesquinhez provinciana, o impediram de realizar grandes feitos em sua carreira literária. João Francisco Lisboa possui a verdade e a justiça como características de sua escrita que, para muitos, é clara e bastante precisa, ainda que seja considerado um homem severo. Em relação ao literato, é declarado: “Moralista desenganado, ele se inclina em tudo a ver o trânsito fácil da liberdade ao arbítrio e ao dolo. Mas lidas com atenção, essas páginas a um tempo sóbrias e amargas confirmam a opção iluminista e liberal do político que a mesquinhez da província abafou, impedindo que chegasse a melhores frutos” [...] (Bosi, 2006, p. 168).

Era forte aliado pela luta da liberdade de imprensa e dessa maneira acabou por influenciar de forma significativa o jornalismo brasileiro. Ganhou prestígio na literatura brasileira e na história do Brasil por sua dedicação em documentar e analisar a realidade do Brasil do século XIX. A análise da citação sobre o “moralista desenganado” mostra uma figura profundamente marcada pela desilusão e pela percepção crítica da relação entre liberdade e abuso de poder.

¹³ O jornal de Timon saiu em fascículos, 1852 a 1854, em São Luís – Maranhão. Tinha como alvo principal a corrupção do sistema eleitoral. Texto retirado: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_jornal_de_timon

A combinação entre a amargura e a sobriedade que faziam parte do modo que o jornalista enxergava as coisas refletia uma consciência aguda acerca dos limites que eram impostos por parte da sociedade da época para com o desenvolvimento político e social. A figura em questão demonstrará uma inclinação iluminista e liberal, o que sugere uma crença nos valores da razão e da liberdade como pilares de um progresso social mais justo e equitativo.

Através de frequentes limitações e obstáculos impostos pela sociedade, João Francisco Lisboa tinha problemas ao tentar abordar seus ideais. As atitudes conservadoras e retrógradas prevaleciam no contexto provincial e dificultavam as implementações de reformas progressistas, o que evidenciava a tensão existente entre um idealismo iluminista e a realidade prática provinciana. Desse modo, fica nítida a tensão central para entender o fracasso em alcançar "melhores frutos", ou seja, resultados mais significativos e positivos nas reformas e mudanças sociais desejadas. A narrativa sugere que, apesar das boas intenções e da clareza moral do político, as forças conservadoras e limitadoras da província prevaleceram, impedindo que suas ideias se concretizassem de maneira plena e eficaz.

Em *A Literatura Brasileira: origens e unidade*, manual de José Aderaldo Castello, não constam informações a respeito de sua participação na construção literária maranhense e muito menos nacional, mostrando como a província, de certo modo, conseguiu abafar a existência desse literato de grande importância para a construção literária e social de toda uma nação, fator esse que pode ter contribuído para sua ausência em alguns manuais de historiografia literária como o de Castello.

José Pereira da Graça Aranha (1868-1931) ou o espírito aberto, como é chamado no manual de Alfredo Bosi, foi um escritor e diplomata brasileiro, além de um dos principais nomes para o Modernismo no Brasil. Nascido em São Luís no Maranhão, Graça Aranha viveu em uma época de grandes transformações políticas e sociais para o Brasil, talvez por isso seja visto por Alfredo Bosi como um escritor que possui uma maior flexibilidade para novas ideias ou experimentações artísticas.

Vindo de uma família rica, Aranha foi mandado para Recife para formar-se em Direito. Virou juiz municipal em 1890 da cidade Porto do Cachoeiro no Espírito Santo, cidade que foi inspiração para a produção de sua primeira obra intitulada *Canaã*¹⁴ (1902), considerada uma das precursoras do movimento modernista no

¹⁴ Lançada em 1902, sua obra aborda sobre a imigração alemã no Brasil e discute questões sociais e

Brasil e é o livro de maior destaque da carreira do escritor. Fez parte da Semana de Arte Moderna de 1922, evento que marcou o modernismo no Brasil, além de ser figura presente na transição do pré-modernismo para o Modernismo no Brasil, ao seu respeito é falado: “Graça Aranha, empenhado até o fim da vida na teorização de uma estética mais aderente à vida moderna, foi o único intelectual da velha guarda que, a rigor, pôde passar de uma vaga esfera pré-modernista ao Modernismo” (Bosi, 2006, p. 354).

São levantadas discussões sobre as contradições que estão presentes na trajetória de Graça Aranha, mesmo que tenha sido defensor das novas formas de expressão e mudanças trazidas pelo modernismo, Aranha nem sempre conseguiu se desvencilhar completamente das convenções literárias do século XIX. Fica perceptível o conflito entre tradição e a inovação presentes em sua obra, característica marcante de muitos autores do período de transição. No manual *A Literatura Brasileira: origens e unidade* volume II, de José Aderaldo Castello, Graça Aranha aparece como escritor que rompeu com a Academia Brasileira de Letras por conta de acusações sobre ela ser reacionária, ou seja, não via com bons olhos as mudanças revolucionárias.

Nascido em São Luís no Maranhão, Raimundo da Mota de Azevedo Correia (1859-1911) foi um juiz e poeta brasileiro que é considerado o Gonçalves Dias do segundo ciclo literário, segundo Reis (1993, p. 24). Presente nos manuais de historiografia literária por ser considerado um dos responsáveis pela renovação da poesia brasileira e por possuir uma abordagem mais sensível e menos exuberante em comparação aos padrões do Parnasianismo, ganhou bastante destaque por escrever sobre a natureza e valorização da arte; os seus poemas seguem à risca as regras da métrica e da rima.

O autor, que faz parte da terceira geração do Romantismo, está presente nos manuais de historiografia de Alfredo Bosi, *A História Concisa da Literatura Brasileira*, e José Aderaldo Castello, *A Literatura Brasileira: origens e unidade*. Foi acusado de ser plagiador por possuir uma facilidade para assimilar-se aos estilos alheios. A respeito dele é dito que: “Com o tempo, a poesia de Raimundo foi acentuando traços que a estremam [...] Menos fecundo e mais sensível, Raimundo Correia esbateu os tons demasiado claros do Parnasianismo e deu exemplo de uma poesia de sombras

e luares que inflectia amiúde em meditações desenganadas” (Bosi, 2006, p. 237-239). Em *A Literatura Brasileira: origens e unidade*, é mencionado que Correia andou pela melancolia e pela alegria, sentimentos que o ajudaram na criação de seu livro de estreia *Primeiros Sonhos*, livro este que possuía compromisso com o Romantismo chegando a utilizar versos de Gonçalves de Magalhães.

A literatura é muitas vezes vista como uma esfera elitista, acessível apenas aos intelectuais, o que pode levar à exclusão de muitos escritores talentosos. Ao longo da história, ela tem servido para consolidar posições de poder, particularmente entre os homens, já que a maioria das obras foram produzidas a partir de uma perspectiva masculina. Esse domínio masculino na criação literária resultou na marginalização de outras vozes e experiências, restringindo a diversidade e a riqueza do panorama literário.

Em *Direito à leitura* (1995), Antônio Candido levanta um debate sobre a democratização do acesso à leitura e a implementação de políticas públicas que tenham a iniciativa de incentivar a produção literária e a leitura para todas as classes sociais. Para ele, a literatura deveria ser um direito de todos e não um privilégio aos mais afortunados, somente dessa forma seria possível mudar os estigmas preconceituosos que tanto limitam a literatura.

Ainda que seja um produto da sociedade, por muitos anos, a literatura foi mensurada de forma crítica por sua relação com a realidade. Dessa forma, as análises feitas eram um tanto superficiais, pois buscavam compreender a arte por um viés de um único grupo social, por isso, se faz necessário promover a diversidade de vozes e perspectivas no cenário literário para que seja possível valorizar as diferentes culturas, classes sociais, etnias e gêneros, pois literatura e sociedade são intrínsecas formando uma maneira de expressão artística.

Em contrapartida, surgiu outra tendência de análise que se opunha a essa visão, focando na presença ou obrigatoriedade de uma posição moral ou política na obra literária. Antônio Candido, em seu livro *Literatura e Sociedade* (2006), diz que ambas as tendências mostram que a arte é social tanto por ser influenciada pelo meio quanto por ter um efeito modificador nele. Obras literárias podem questionar valores estabelecidos, abrir espaço para novas perspectivas e promover debates importantes sobre temas relevantes para a sociedade, um exemplo disso são as

obras de Maria Firmina dos Reis¹⁵ que levantam debates sobre racismo, feminismo e sobre o papel da mulher escritora em uma sociedade majoritariamente formada por homens.

Carlos Giovani Dutra Del Castillo, em seu artigo *História Concisa da Literatura Brasileira, de Alfredo Bosi: uma leitura de seus critérios metodológicos* (2017), diz que fica evidente a preferência de Alfredo Bosi em elaborar esboços críticos focados em analisar a obra pelo seu estilo, retórica ou aspectos formais, em resumo, aspectos estéticos, ele também busca analisar as questões ideológicas que servem como base para o autor e como isso está interligado com as obras.

Tentar descobrir quais as razões que levam à exclusão de determinados autores nos manuais de historiografia literária não é uma tarefa simples, pois existem muitos motivos para que isso aconteça, a própria literatura foi predominantemente escrita por homens e isso resultou em uma seleção tendenciosa de autores e obras que continuou a perpetuar a exclusão de outros grupos sociais; conseqüentemente, muitas obras escritas por esses grupos caíram na desvalorização e foram ignoradas ao longo do tempo, fazendo com que ficassem de fora do cânone literário.

As academias possuem um papel importante na seleção e valorização das obras literárias e a falta de representatividade desses grupos sociais nesses espaços pode ser fator determinante para que exista essa exclusão histórica. Para que seja possível reverter essa situação é necessário dar visibilidade para os demais grupos sociais na crítica literária.

No contexto social, a leitura literária se firma como um capital simbólico, na perspectiva de Bourdieu (2021), que reforça hierarquias. Ao abordar de maneira inclusiva as literaturas, quebramos a concepção equivocada de que essas obras são exclusivamente destinadas à classe dominante, possibilitando o acesso de todos aos bens culturais. A postura crítico-reflexiva deve abarcar a análise literária, voltando o olhar para aspectos relacionados à representatividade de novos escritores.

¹⁵ Maria Firmina dos Reis (São Luís, Maranhão, 11 de março de 1825 – Guimarães, 11 de novembro de 1917) foi uma escritora maranhense considerada a primeira romancista negra do Brasil. Publicou em 1859 o livro *Úrsula*, considerado o primeiro romance abolicionista do Brasil. Texto retirado: <https://pt.wikipedia.org/wiki/MariaFirmina>

4 REFLEXÕES SOBRE O CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO: A NECESSIDADE DE INCLUSÃO E DIVERSIDADE NO CÂNONE LITERÁRIO

Influenciados por critérios estéticos e ideológicos, além das teorias europeias que circulavam o Brasil na metade do século XIX, a crítica literária brasileira reuniu autores e obras que ganharam destaque significativo para a construção da história da literatura brasileira, formando o cânone literário. Os escritores presentes no cânone tornaram-se importantes para a compreensão da literatura nacional, além de servirem como referência para a produção literária do Brasil por conta de seus feitos e relevâncias temáticas.

Alfredo Bosi, José Aderaldo Castello, Antônio Candido e José Veríssimo são alguns dos críticos literários que contribuíram para o processo de formação do cânone literário, que foi marcado por etapas cheias de critérios subjetivos. Os críticos literários podem influenciar o público e a forma como vão receber as obras literárias, isso é um fator determinante para o destino de uma obra e seu autor, dependendo do que a crítica literária lhe atribua, o seu destino no meio literário será traçado, levando-o ao estrelato ou ao ostracismo.

Ao buscarem por formas de criar o cânone literário brasileiro, os autores depararam-se com inúmeras situações conflituosas. Antônio Candido, em sua obra *Formação da Literatura Brasileira (2006)*, traz de maneira resumida as situações vividas pelos escritores brasileiros no capítulo *Formação do cânone literário*. Candido diz que sentiu a necessidade de criar, com a ajuda de outros críticos, algo que deixasse em evidência a riqueza da literatura brasileira.

A construção de uma literatura nacional tornou-se uma necessidade por parte

dos críticos brasileiros, pois sentiam que a história da literatura do Brasil estava na hora de se desvincular das origens europeias, mesmo que a literatura europeia exercesse forte influência sobre a literatura brasileira. A respeito disso é dito que:

[...] É graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra-arte. [...] Em mais de um momento a inteligência brasileira, reagindo contra certos processos agudos de europeização, procurou nas raízes da terra e do nativo imagens para se afirmar em face do estrangeiro (Bosi, 2006, p. 13).

Com a intenção de enaltecer as características brasileiras, muitos escritores buscaram por meios de deixarem em evidência as origens afro-brasileiras e as raízes indígenas como forma de buscar meios para deixar o orgulho nacional cada vez mais aparente. Enaltecer essas raízes demonstrava a resistência ao domínio cultural que o estrangeiro buscava exercer, por mais que a identidade literária brasileira tenha sido estabelecida em meio à influência da cultura europeia.

As manifestações culturais, como literatura e arte, reafirmaram-se como essenciais para a valorização da identidade brasileira, José Verissimo (1998) concorda que a literatura e a arte podem traduzir os acontecimentos mais marcantes de uma sociedade através das letras, pois ambas se conectam. Dessa forma, é perceptível que a literatura produzida no Brasil se tornou viva de forma independente no cenário literário, ainda que as literaturas de outros lugares exerçam influências umas sobre as outras.

Ao se abordar a respeito do cânone literário brasileiro, fica evidente que a literatura tem sido um campo majoritariamente formado por homens, em sua maioria brancos e das grandes regiões metropolitanas, embora existam exceções, o privilégio continua a ser evidente. A predominância masculina e regional pode influenciar significativamente na seleção de autores e obras que podem compor o cânone, muitas vezes refletindo as relações pessoais dos críticos literários, resultando na exclusão de autores e obras que não façam parte do mesmo ciclo social de quem os selecionam. Para Muzart (1995), a acomodação de continuar a estudar os mesmos autores e obras é um dos fatores determinantes para a perpetuação do ciclo homem (gênero) e literatura, talvez isso se dê por receio do novo, mas é importante encontrar meios de se combater o tradicionalismo imposto.

No livro *Literatura e Exclusão* (2017), Laeticia Jensen Eble¹⁶ e Regina Dalcastagnè¹⁷ trazem textos que refletem sobre vozes importantes que fazem parte da literatura, mas que muitas vezes são excluídas. Para as autoras, “o cânone é mais bem entendido como produto de disputas sobre o fazer literário legítimo”. Segundo elas: “Em tempos de ruptura democrática e de reconhecimento dos discursos fascistas – que se estabelecem contra os direitos dos trabalhadores, mas também das mulheres, dos negros, dos índios, dos moradores das periferias, da população LGBT, contra a sua inserção social e contra suas formas de expressão – refletir sobre as possibilidades da literatura é um gesto mais que urgente [...]” (Dalcastagnè; Jensen Eble, 2017, p. 11).

A importância social que a literatura possui mostra o tamanho de sua influência quando se trata de ter autenticidade e força nas mais diversas áreas, um exemplo, na área política e na da arte. As inúmeras conotações que a literatura pode ter através de vozes, que por muitas vezes são silenciadas, mostram as tentativas de sobrevivência por parte dos grupos sociais chamados de minorias, essa resistência luta para que tenham as suas vozes ouvidas e os seus mundos enxergados.

Ria Lemaire¹⁸ aborda sobre a produção do cânone literário em seu capítulo *Tradições que se refazer*; a autora busca trazer entendimentos acerca do conceito de tradição e como esse termo vai sendo reconstruído com o passar dos anos e das mudanças sociais que são inevitáveis na vida do homem. Ela diz que: “[...] O problema intelectual, epistemológico, que passo a discutir aqui é o de que esse

¹⁶ Laeticia Jensen Eble Possui bacharelado e licenciatura em Letras, especialização em Inovação e Tecnologias na Educação, mestrado e doutorado em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília. No mestrado e doutorado suas pesquisas dedicaram-se à literatura brasileira contemporânea, nas linhas de pesquisa "Literatura e outras artes" e "Representação na literatura contemporânea"

¹⁷ Regina Dalcastagnè é uma pesquisadora, escritora e crítica literária brasileira. É doutora em teoria literária pela Universidade Estadual de Campinas e professora titular livre de literatura brasileira na Universidade de Brasília. Textos retirados: <https://www.escavador.com/sobre/3763839/regina-dalcastagne>

¹⁸ Ria Lemaire é holandesa, professora titular de literatura portuguesa e brasileira da Universidade de Poitiers, França, onde dirige a equipe brasileira do Centro de Estudos Latino-Americanos e o Acervo Raymond Cantel de literatura de cordel brasileira. Doutorada pela Universidade de Utrecht, Holanda, com uma tese sobre literatura medieval comparada. Especialista de literatura medieval em línguas românicas e de literatura brasileira dos séculos XIX e XX, ela dirige um programa de pesquisa intitulado 'Estudos comparados em tradições orais na sua relação com o mundo da escrita' que trabalha com questões de gênero, com a relação oralidade / escrita, história / literatura e literatura testemunhal com doutorandos de três continentes. Professora convidada de universidades estrangeiras, latino-americanas, africanas e europeias.

termo, que denota original e basicamente uma atividade incessante, uma procura invenção e reinvenção contínuas – significação que ainda hoje é ressentida” [...] (Lemaire, 2017, p. 15).

Ao analisar as colocações de Lemaire, é possível perceber que a escritora traz uma discussão sobre a natureza da tradição e a sua percepção no meio social e intelectual, ainda que ela esteja falando sobre o folheto de cordel e sobre o discurso científico que foi criado no meio intelectual sobre o cordel, ambos considerados tradições. As concepções da autora mostram que a tradição pode não ser estática, ou seja, estando em constante evolução e adaptação que vão acompanhar as mudanças sociais e econômicas da sociedade, mas a mesma tradição que pode significar mudanças sociais, também pode ser vista como atraso, como é possível perceber no segundo trecho: “[...] tornou – se também, no mundo moderno, e sobretudo no discurso dos intelectuais, o equivalente a atraso, imobilismo e conservadorismo sob a forma de tradição” [...] (Lemaire, 2017, p. 15).

Deste modo, fica visível que para Ria Lemaire as culturas regionais são marginalizadas e desprezadas pela grande elite, pois esta acredita ser superior, o que implica a reprodução desses comportamentos por parte dos estudantes, correndo risco a uma aprendizagem baseada na doutrina do desprezo e rejeição com literaturas ditas menores, pois o público é suscetível a inúmeras influências.

Em *Memória cultural e construção do cânone literário brasileiro (2001)*, Luiz Roberto Veloso Cairo diz que, apesar das diferentes leituras que vão surgindo e o passar dos anos, o cânone se mantém vivo até os dias atuais. O autor ainda diz que cada período vai buscar por formas de redefini-lo de maneira que seja proveitoso para quem o utiliza, mas não é novidade que ele (o cânone) possui um caráter elitista e excludente quando falado sobre outras formas de inserção de obras literárias vindas de grupos classificados como minoritários, como por exemplo, as literaturas regionais.

Ainda que as literaturas regionais sejam excluídas do cânone, elas acabam por reproduzir dentro de seus grupos sociais os mesmos comportamentos que sofrem; é possível perceber tal ação ao analisar o manual de historiografia *Pantheon Maranhense*, uma obra produzida por Antônio Henriques Leal em que são reunidos ilustres escritores maranhenses e destacadas as suas contribuições para a literatura nacional e regional.

Patrícia Raquel Lobato Durans, em sua dissertação intitulada *Lobo X Nascimento na “Nova Atenas”: literatura, história e polêmicas dos intelectuais maranhenses na Primeira República* (2013), traz dois escritores que falam sobre as suas impressões a respeito do *Pantheon Maranhense*, o primeiro deles, José Henrique de Paula Borralho (2010), fala que todos os grandes nomes presentes no Pantheon Maranhense fazem parte de uma classe social de privilégios, além de possuírem valores políticos semelhantes, incluído o próprio autor.

Já Ricardo André Ferreira Martins (2009) acredita que o *Pantheon Maranhense* seja uma obra bastante importante para os estudos historiográficos maranhenses, porém ele percebe que existe uma forma exacerbada, por parte autor da obra, ao se referir aos literatos maranhenses que aparecem nesta obra e com isso eles são colocados em uma posição de privilégio e acima dos demais escritores maranhenses que não fazem parte desse manual historiográfico.

Desta maneira, fica perceptível que por mais que a literatura maranhense busque por formas de se estabelecer no cenário literário nacional, enquanto literatura indispensável para a construção da literatura brasileira, ela vai perpetuar comportamentos que excluem autores que estão na mesma busca por reconhecimento ao favorecer autores e obras que tenham ideais políticos e sociais semelhantes aos seus. É possível perceber que até os próprios grupos que são chamados de minorias possuem uma hierarquia social, dentro desses grupos vão existir autores que não são considerados bons o suficiente para ocuparem os mesmos lugares.

Ao analisar o *Pantheon Maranhense*, percebemos que o padrão seguido é o mesmo que os demais manuais de historiografia, homens de prestígio social e que ocupam, na literatura, um lugar de privilégio, por mais que eles sejam excluídos de outros manuais de historiografia. O cânone é construído através da supervalorização que ele ganha, ou seja, tanto os críticos quanto as instituições de ensino promovem a popularidade do cânone através de suas formas de transpassar as ideologias que elas possuem para o público. Sobre isso é dito que:

[...] o cânone literário é um sistema simbólico e material de valorização exacerbada de obras literárias e documentais que se concretiza através de listas de obras que são divulgadas para o público [...] Geralmente, os manuais de história da literatura mais divulgados entre os cursos de letras mantêm a mesma quantidade de obras, de seleção de autores, mesma atribuição valorativa, formando

uma rede através da qual se reforça, segundo Kothe (1997), que o cânone literário brasileiro seja visto e/ou estudado nos compêndios de nossa história, indubitavelmente, de forma a não considerar possibilidades de revisão/alteração, mantendo estabilizados discursos de sustentação de determinadas ideologias que marginalizaram textos, temas e autores da arte literária brasileira (Fernandes, 2014, p. 03).

É dado ao cânone um poder no qual ele é posto como superior em comparação a quaisquer outros que não façam parte desse ciclo, pois os textos canônicos se fazem presentes em manuais de historiografia literária, universidades e outros lugares; dessa maneira, eles ganham cada vez mais visibilidade e força. Sendo assim, decidir quem pode e quem não pode fazer parte do cânone acaba por perpetuar a exclusão de inúmeros autores e obras literárias que são importantes para a construção da literatura brasileira.

Quando falamos do processo de exclusão e inclusão de autores maranhenses no cânone literário brasileiro, a partir da visão da crítica literária, percebe-se que existem implicações profundas que não vão falar a respeito apenas do cânone, mas de toda uma sociedade. Tais implicações levam em consideração o conjunto de obras consideradas dignas de estarem presentes nos manuais de historiografia literária brasileira, a literariedade, ou seja, as características que fazem um texto literário ou não, o engajamento que as obras trazem para a literatura e o juízo crítico que é formado a partir das críticas influenciadas pelos contextos sociais e culturais vindos das ideias de temas com valores universais.

Alguns autores maranhenses buscaram estabelecer uma conversa entre suas produções literárias e temas de grande relevância para a sociedade, Aluísio Azevedo abordou em sua obra *O mulato* a escravidão, tema esse que não foi bem visto pela sociedade da época como diz Simone Beatriz de Paula Vazes e Wellington Furtado Ramos no artigo *Os Discursos raciais em O mulato, de Aluísio Azevedo e a questão da mestiçagem* (2020, p. 252): “[...] O romance entre ambos não foi visto com bons olhos devido à origem racial de Raimundo, um sujeito mestiço, resultado da relação de seu pai com Domingas, uma mulher negra e escravizada [...]”.

Azevedo buscou trazer em sua obra críticas à sociedade maranhense que era cheia de preconceito; no trabalho de Vazes e Ramos, é dito que uma das influências para a criação da obra seria a campanha pelo abolicionismo, já que o Maranhão era um estado que fazia do trabalho escravo sua fonte de renda. Por isso, é importante

promover literaturas que abordem estes temas e despertem o pensamento crítico da sociedade, ainda que Aluísio faça parte do cânone, escritas semelhantes à dele, que denunciem todas as formas de preconceitos, precisam ser mais presentes no cânone através das minorias que buscam representatividade e reconhecimento.

É importante buscar por formas de combater o tradicionalismo que está repleto de preconceitos que acabam por desvalorizar as obras literárias escritas por outros grupos sociais que são marginalizados, invalidados e até silenciados, pois, como já dito, a crítica literária possui o poder de decidir quais serão as obras valorizadas e ignoradas, esse tipo de segmento perpetua o preconceito literário e limita a diversidade cultural da literatura.

Segundo Kelvin Falcão Klein¹⁹, em *Cânone e exclusão* (2013), “o cânone sempre será a representação de exclusão”; essa afirmação mostra as complexidades existentes a partir da criação do cânone e como se faz necessário buscar por meios de uma revisão curricular que incentive a inclusão de autores marginalizados, pois a pluralidade de vozes se mostra cada vez mais forte e com vontade de ser ouvida e representada no meio literário.

As obras literárias produzidas pelos grupos majoritários são as mais presentes no cânone literário, embora elas sejam de grande importância para a historiografia literária acabam por não representar outra parcela da sociedade. A prática de inclusão de obras apenas destes grupos majoritários acaba por demonstrar um processo de exclusão de parte da diversidade de um país rico em culturas, isso demonstra a importância de uma revisão do que é cânone e do que pode vir a tornar-se cânone para que haja uma amplitude de produções literárias, levando em consideração, por exemplo, a literatura regional maranhense.

Segundo Klein (2013, p. 114), “exclui-se do cânone não a presença da obra arquiconhecida, mas a sedimentação viciada dos caminhos que levam a ela”. Reconhecer a diversidade literária brasileira é essencial para considerar abordagens de escritores que são de grande importância, já que o Brasil é um país multifacetado e quando levamos em consideração a contribuição de autores maranhenses é notória a tamanha colaboração para a formação do cânone literário brasileiro.

¹⁹ Kelvin dos Santos Falcão Klein é um professor Adjunto da Escola de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Possui Graduação em Comunicação Social pela Escola de Comunicação e Artes do Centro Universitário da Cidade do Rio de Janeiro (2005). Texto retirado da Wikipedia.

Considerar a inclusão de literatos maranhenses que valorizam a diversidade no campo literário seria uma das formas mais viáveis para que exista uma nova visão por parte da literatura e que abrace as novas perspectivas acerca do cânone literário brasileiro, ainda que seja marcada pelos mais diversos tipos de preconceitos. A crítica literária muitas vezes será tradicional, pois vai dar margem apenas ao valor estético, o que acaba por perpetuar o preconceito com os grupos marginalizados. Sobre isso Abreu diz que: “A avaliação que se faz de uma obra depende de um conjunto de critérios e não unicamente da percepção da excelência do texto. [...] Ler um livro é cotejá-lo com nossas convicções sobre tendências literárias, sobre paradigmas estéticos e sobre valores culturais. É sentir o peso da posição do autor no campo literário (sua filiação cultural, sua condição social e étnica, suas relações políticas etc.)” [...]. (Abreu, 2006, p. 98-99).

Desconstruir esses preconceitos requer uma reavaliação dos critérios de valores estéticos e uma abertura para novas formas de expressão literária, isso implica não apenas na inclusão de novos autores no cânone, mas também a reconsideração das obras já incluídas à luz de novos entendimentos críticos. É necessário um esforço contínuo para questionar e desafiar as narrativas dominantes, buscando reconhecer que algumas narrativas maranhenses podem enriquecer a diversidade cultural e social da literatura brasileira; além disso, buscar promover a educação literária que valorize as diversas perspectivas pode ajudar a combater a exclusão literária, além de promover uma apreciação mais ampla e inclusiva por parte da literatura.

4.1 Desafios na inclusão da literatura maranhense no cânone literário brasileiro

À medida que a sociedade vai evoluindo, a literatura demonstra uma necessidade de acompanhar essa evolução, pois ela precisa estar ciente dos acontecimentos que vão modificando a sociedade. Dessa forma, novos modelos de literatura vão surgindo e uma necessidade de incluir esses modelos no cânone vai sendo debatida, já que literatura e sociedade andam lado a lado.

Ainda que o cânone seja majoritariamente dominado por homens, grupo responsável pela seletividade na literatura, é notável a urgência que se tem em buscar a diversidade literária e a necessidade de representatividade, de modo que seja possível a inclusão de autores que não fazem parte dos grupos majoritários

vindos das regiões mais desenvolvidas, segundo eles próprios, como o Sudeste.

Ao buscar questionar os estudos literários, fica cada vez mais evidente a quantidade de desafios que estão relacionados à implementação de políticas de inclusão da literatura maranhense. Os críticos muitas vezes estão presos a estruturas tradicionais que favorecem o cânone literário já estabelecido por autores que são reconhecidos como principais e mais importantes para a construção da historiografia literária brasileira, esse tipo de abordagem faz com que a exclusão de escritores que estão à margem do cânone seja perpetuada. Sobre isso é dito que: “Ao compreender a história até a sua construção histórica e cultural, tornam-se notáveis as inúmeras questões sociais que vêm surgindo à medida que a sociedade evolui e procura novas maneiras de entender e interpretar o mundo à sua volta” (Silva, 2023, p. 22).

Aprender sobre a importância das literaturas não canônicas é importante para compreender que elas são necessárias para a construção do cânone literário, por mais que elas sejam deixadas de fora, a existência dessas obras amplia o espaço de estudo que busca incluir as vozes que são marginalizadas, podendo criar uma educação literária mais inclusiva e representativa. Mudar a forma de enxergar a literatura maranhense pode servir de exemplo para aqueles que se negam a perceber que os literatos maranhenses também são importantes para a construção do cânone literário brasileiro. A inclusão de autores como Josué Montello, Sousândrade em outros manuais de historiografia literária é necessária para que a literatura possa investir nessa luta por reconhecimento.

O receio de que a inclusão de perspectivas diversas possa desestabilizar as narrativas tradicionais ou confrontar os valores estabelecidos no cânone literário faz com que exista uma limitação da flexibilidade para a recepção de autores e obras maranhenses que acabaram ficando de fora do cânone. Historicamente, a literatura refletiu e reproduziu as hierarquias sociais que marginalizaram as vozes maranhenses que não se enquadram no perfil dominante de autores e temas que, segundo os críticos literários, devem ganhar destaque, um exemplo disso são os manuais de historiografia literária brasileira que, em alguns casos, acabam por deixar de fora muitos autores e textos regionais. Os desvios interpretativos promovem o destaque de autores e obras que já fazem parte do cânone literário e em sua maioria são de regiões centrais do Brasil, isso apenas reforça o

apagamento, por exemplo, de diversos escritores maranhenses dos manuais de historiografia literária, além de mostrar que a literatura regional não possui o mesmo destaque que as demais.

É importante que escritores maranhenses como João Francisco Lisboa e Artur Azevedo, deixados de fora de alguns manuais, como por exemplo, *A literatura brasileira: origens e unidade*, de José Aderaldo Castello, sejam incluídos em outros manuais de historiografia literária para que não exista espaço para lacunas ao contar sobre a história da construção das literaturas maranhense e brasileira. Isso poderá apresentar um impacto significativo no que se refere ao reconhecimento de tais autores, visto que, ao longo da formação do cânone, as considerações sobre literaturas regionais nos manuais de historiografia literária devem servir não apenas como um exercício acadêmico, mas como um chamado à reflexão sobre as práticas educacionais e críticas.

A literatura maranhense trouxe reconhecimento e prestígio devido à forma como era produzida, autores davam ênfase em fatores históricos e sociais levando o estado do Maranhão ao mérito de berço de poetas. Desta forma, o cânone literário maranhense fez um longo percurso histórico, contribuindo com a literatura brasileira ao trazer grandes nomes para a literatura nacional. Dar o devido reconhecimento a esses autores ressalta a importância que as gerações passadas possuem e como elas podem ser inspiradoras por buscarem por seu reconhecimento, ainda que o caminho não fosse fácil; dessa forma, estes autores e suas obras tornaram-se indispensáveis para a literatura do nosso país.

Deste modo, torna-se indispensável reconhecê-los, pois dessa forma pode-se entender as origens da nossa literatura nacional e cultural, dando a devida ressignificação aos gêneros literários presentes em nosso país. Estudar sobre a Literatura Maranhense torna-se necessário, uma vez que a maioria de seus autores buscam trazer notoriedade para a literatura regional. Alguns desses autores foram enaltecidos pela literatura brasileira, mas existem aqueles que não foram tão reconhecidos e precisam de tal honraria por suas grandes colaborações, uma vez que estes trabalharam na construção e resgate da história cultural da nossa literatura.

A literatura possui uma abordagem que exerce bastante influência quando se fala de construção de identidades pessoais e coletivas, através dela pode-se

estabelecer comunicações que sejam transformadoras e promovam a empatia e a compreensão para com autores excluídos; por isso, o papel do crítico literário é fundamental para a formação de uma literatura mais igualitária e inclusiva. Buscar romper com o paradigma da exclusão de autores maranhenses nos manuais de historiografia pode levar ao enriquecimento do cânone literário brasileiro, além de promover a literatura maranhense de forma que possa incluir outros tipos de literatura na historiografia literária e agir a favor das obras não canonizadas.

Ketilly de Freitas Nobre Dantas Silva, em sua dissertação *O soar das vozes oprimidas na sala de aula: leituras de um defeito de cor*, comenta sobre como é importante que a literatura atenda às diversidades sociais e sobre como os professores podem ser fortes aliados nisso. É extremamente necessário que os professores possuam cada vez mais capacidade para abordar uma literatura mais inclusiva e que não compactue totalmente com a diretrizes dos centros de ensino, pois uma abordagem mais abrangente pode ser transformadora na vida acadêmica e social dos alunos, dando mais consciência crítica sobre as vozes silenciadas pelo cânone, além de mostrar a riqueza produzida por escritores regionais. Ela diz que:

[...] é fundamental levar em conta toda essa diversidade cultural que foi desprezada pela classe dominante. Ademais, a própria sociedade vem passando por inúmeras transformações, concentrando-se cada vez mais nas questões sociais e na expansão dos movimentos de maiorias minorizadas. Isso faz com que o objetivo literário do leitor se concentre em temáticas que tenham relação com a realidade e que atendam aos seus interesses sociais, históricos e intelectuais (Dantas Silva 2023, p. 11).

A valorização da diversidade cultural na literatura não apenas vai contribuir para o enriquecimento do próprio cânone, mas vai promover uma compreensão mais inclusiva e abrangente acerca da sociedade. As obras literárias que emergem de diferentes contextos culturais oferecem aos leitores a oportunidade de explorar uma ampla gama de experiências humanas, promovendo empatia e compreensão entre diferentes grupos sociais. Essas obras desafiam as narrativas dominantes e questionam as suposições e preconceitos que têm sido perpetuados por um cânone literário homogêneo.

A inclusão de autores de diversas origens culturais no ensino da literatura pode ter um impacto significativo na educação. A urgência de reconhecer e valorizar a diversidade cultural maranhense no campo literário exige que uma abordagem que

transcenda as normas pré-existentes do que é canônico e o que não faz parte do cânone. Nesse contexto, os estudos literários buscam pautar discussões que reavaliam os textos nas instituições educacionais tradicionais, pois é no ambiente educacional que se deve iniciar formas de construção de uma educação igualitária e inclusiva.

As diferentes formas de se trabalhar com as mais diversas literaturas em sala de aula é uma das maneiras de buscar o combate aos estereótipos e ao preconceito, pois os alunos poderão ter acesso a literaturas marginalizadas, conhecerão escritores que o cânone exclui e observarão que existem muitas literaturas e autores importantes, mas que não ganham a oportunidade de estarem presentes nos grandes manuais de historiografias, pois os critérios estéticos adotados pelos manuais de historiografia literária somados ao contexto histórico, político e social são alguns dos fatores decisivos para que haja exclusões de autores maranhenses nos manuais. Autores que possuíam conexões influentes dentro do cenário literário nacional ou que conseguiram maior destaque no Maranhão foram incluídos e discutidos em comparação aos autores que não tiveram suas ideias alinhadas aos padrões estéticos que predominavam na época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura maranhense, assim como outras produções regionais e minoritárias, oferece perspectivas únicas que enriquecem o panorama literário nacional, ignorar ou subestimar essas contribuições é perpetuar um sistema de exclusão que não apenas limita a compreensão da pluralidade cultural do Brasil, mas também empobrece a própria ideia de literatura. Ler e estudar as obras de escritores regionais é crucial para entender as complexidades de gênero, etnia, classe e outros fatores que se interseccionam, a partir de tais marcadores sociais, e moldam nossa sociedade, além de permitir desafiar as narrativas e perspectivas dominantes que tradicionalmente excluem as minorias e marginalizam as comunidades.

Buscar por maneiras de abrir espaço para uma crítica que valorize igualmente todas as manifestações literárias é promover uma visão mais abrangente e inclusiva da literatura e lutar por formas de corrigir erros que podem acarretar um grande prejuízo para a historiografia literária brasileira. Ao abraçar essa diversidade, a historiografia literária brasileira se torna mais representativa e justa, refletindo verdadeiramente a riqueza das experiências e das contribuições de todos os segmentos da sociedade.

Existem muitos motivos que contribuem para essa configuração excludente do cânone literário, uma delas é a ideia de que apenas obras consideradas "clássicas" ou "canônicas" merecem ser estudadas e valorizadas, o que exclui muitas obras escritas por outras minorias, já que o cânone literário brasileiro, na maioria das vezes, é composto por escritores brancos e dos grandes centros urbanos. Logo, ele se torna detentor de uma ideologia que exclui as classes minoritárias. As transformações sociais exigem uma revisão dos critérios utilizados para avaliar e incluir obras no cânone literário.

Os critérios tradicionais, muitas vezes baseados em noções de valor estético que refletem as perspectivas da classe dominante, precisam ser reavaliados à luz de novas compreensões críticas. Isso implica uma abertura para novas formas de expressão literária e uma disposição para considerar obras que abordem questões sociais e históricas relevantes para diferentes comunidades. É imprescindível que os ambientes educacionais busquem por formas de abordar a importância de autores maranhenses e sobre como a literatura maranhense enfrentou inúmeros desafios para conseguir se estabelecer enquanto literatura no cenário literário.

Desse modo, os discentes poderão exercitar o seu pensamento crítico sobre as literaturas regionais e os grupos formados por minorias. Além disso, é fundamental que a crítica literária se adapte a essas mudanças, desenvolvendo novas abordagens teóricas e metodológicas que possam captar a complexidade e a diversidade das experiências humanas representadas na literatura brasileira, de modo que reflita a verdadeira riqueza das experiências e das contribuições de todos os segmentos da sociedade.

A revisão aqui proposta dos manuais de historiografia literária brasileira só produzirá algum impacto no leitor, se as considerações sobre a literatura maranhense forem levadas a sério como devem ser, se as obras e os autores que fazem parte da minoria, em especial os autores maranhenses, possuírem uma crítica especializada e livre de juízos de valores fundados somente no cânone literário, pois a expansão dos movimentos de maiorias minorizadas também destaca a necessidade de um compromisso contínuo com a justiça social no campo literário. Isso envolve não apenas a inclusão de vozes diversas no cânone, mas também a criação de espaços para a produção e a disseminação de literatura que desafie as estruturas de poder existentes.

Em última análise, a revisão crítica dos manuais de historiografia literária é uma oportunidade para reafirmar o compromisso com uma educação que celebra a diversidade e promove o entendimento mútuo entre diferentes culturas e experiências. A literatura maranhense, como qualquer expressão artística regional, merece ser estudada e apreciada por suas próprias virtudes e contribuições únicas para a identidade literária brasileira. Essa abordagem não apenas enriquece o campo dos estudos literários, mas também fortalece os alicerces de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todas as vozes têm espaço para serem ouvidas e valorizadas.

A pesquisa bibliográfica qualitativa desenvolvida buscou, portanto, analisar as razões subjacentes à presença e ausência de determinados autores maranhenses nos manuais *História Concisa da Literatura Brasileira* (2006), de Alfredo Bosi e *A Literatura Brasileira: origens e unidade* (1999), de José Aderaldo Castello. A partir dos resultados, fica perceptível a necessidade de abordar uma literatura produzida por autores maranhenses visando à construção de uma educação inclusiva e a inclusão de uma variedade mais ampla de vozes literárias que podem ajudar a cultivar uma nova geração de leitores e escritores mais consciente e empática.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006

BOSI, Alfredo. Caminhos entre a Literatura e a História Cultural. In: **Estudos Avançados**, n.º 55, set.- dez. de 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300024>. Acesso em: 08 de junho de 2024;

BOSI, Alfredo. **História da literatura brasileira**. 47 ed.- São Paulo: Cultrix, 2006

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 19.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

CAIRO, Luiz Roberto Veloso. **Memória Cultural e Construção do Cânone Literário Brasileiro**. Belo Horizonte: Scripta, 2001.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidade**. São Paulo: Edusp, 1999.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **Revisão de Sousândrade**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 8.ed. São Paulo: Publifolha, 2006.

CANDIDO. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.v

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira** – momentos decisivos. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006

CASTILLO, Carlos Giovanni Dutra Del. **História Concisa da Literatura Brasileira de Alfredo Bosi**: uma leitura de seus critérios metodológicos. Pará: Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará – UEPA, 2017.

CORRÊA, Dinacy Mendonça. **Da literatura maranhense**: o romance do século xx. São Luís: EdUEMA, 2016.

CALDAS, M. P.; WOOD Jr. T. **Transformação e realidade organizacional**: uma perspectiva brasileira. São Paulo: Atlas, 1999.

CARDOSO, Patrícia Raquel Lobato Durans. **Lobo x Nascimento na “nova Atenas”**: literatura, história e polêmicas dos intelectuais maranhenses na Primeira República (2013)

DALCASTAGNÈ, Regina; EBLE, Laeticia Jensen. **Literatura e Exclusão**, p. 11, 2017.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **A narrativa homoerótica e o cânone no Brasil**: relações possíveis, s/p. Campina Grande: Realize, 2014.

FIORI, Elizabeth. **A História Literária Brasileira**, p. 30, 2008.

HANASHIRO, Darcy Mitiko Mori; CARVALHO, Sueli Galego de. Diversidade Cultural: Panorama Atual e Reflexões para a realidade brasileira. **REAd – Revista Eletrônica de Administração**, vol. 11, núm. 5, septiembre-octubre, 2005, pp. 1-21 Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil

KLEIN, Kelvin Falcão. **Cânone e Exclusão**, p. Em Tese (Belo Horizonte), v. 19, n. 2, pp. 111- 121, ago.-out. 2013. Disponível em: Acesso em: 20 jun. 2024

LEÃO, Ricardo. **Os atenienses e a invenção do cânone ocidental**. 2 ed. São Luís: disponível em Geia, 2013.

LEMAIRE, Ria. **Literatura e Exclusão**, p. 15, 2017.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Linguagem e escola na construção de quem somos (prefácio). In: FERREIRA, A. de J. (Org.) **Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade**: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as. Campinas: Pontes, 2012, p. 9-12.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **A questão do cânone**. Anuário de literatura, p. 85-93,

1995.

OLIVEIRA, Leonardo Davino de. **Canção popular e revisão do cânone literário**. Paraíba: Revista Graphos, 2019, p.135.

RAMOS, Welligton Furtado; VAZES, Simone Beatriz de Paula. **Os discursos raciais em O Mulato, de Aluísio Azevedo e a questão da mestiçagem**. Campo Grande: Anais SIEL e Semanas de Letras, 2020, p. 252.

RIBEIRO, Roberto Carlos. **Literatura de viagem e historiografia literária brasileira**. Uberlândia: Letras & Letras, 2007.

SILVA, Hyalle Jayne. **Problematização do cânone literário: Perspectiva anti-patriarcal e discussão sobre o apagamento da literatura de autoria feminina no currículo escolar**. 2023. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras Português) – Instituto Federal de Alagoas – Maceió, 2023.

SILVA, Ketilly de Freitas Nobre Dantas. **O soar das vozes oprimidas na sala de aula: leituras de um defeito de cor**. 2023. 120 f. Dissertação (mestrado em estudos da linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Ciências Humanas, Letras e Artes, Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Natal, RN, 2023.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. São Paulo: Record, 1998.